



INTERVENÇÃO EM PROCESSOS GRUPAIS E A QUESTÃO DA IDENTIDADE DE ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE POBREZA

INTERVENTION IN GROUP PROCESSES AND THE PROBLEM OF ADOLESCENTS IDENTITY IN POVERTY SITUATION.

Saete Peters¹

Fernando César Paulino-Pereira²

Sandra Regina Soares³

RESUMO: A escolha do tema "identidade" vinculado e lido a partir do processo grupal, surgiu do contato e observação de um agrupamento de adolescentes e jovens que se encontravam diariamente na praça para vivências espontâneas. Decorre deste fato uma inquietação e provocação e a necessidade de uma aproximação maior para compreender o modo de organização grupal dos mesmos, e, captar desse jeito o "ser grupo", as condições que possibilitam a emergência da identidade num processo contínuo e dinâmico. A inserção e participação no grupo se fizeram necessárias e orientaram a pesquisa ação. Foi utilizado o diário de campo como instrumento de coleta de dados, as categorias sartreanas para análise do movimento grupal e a teoria da identidade para análise da movimentação dos sujeitos nos campos afetivo, valorativo e operativo.

Palavras-Chave: Processo grupal, identidade, jovens, e adolescentes.

ABSTRACT: The choice of the subject identity "inserted and remarked" from the group process, were noticed through the observation of teenagers and young people which met every day in the square place for spontaneous experiences in life. To comprehend the way of this group, there is a need to know about a certain disturbing and provocative situation that achieve this group. Then you can capture the "sense of group", the conditions create an emergency of the identity that exist in a continuous and dynamic process. The entrance and the participation in the group were necessary in order to guide the action - research. Some papers were used as an instrument of collecting the

¹ Psicóloga pela Uniararas.

² Doutor em Psicologia Social. Docente da Unimep.

³ Mestre em Psicologia Social. Psicóloga do Centro de Referência da Mulher – Sumaré/SP. Coordenadora do Programa Iluminar Sumaré cuidando das vítimas de violência doméstica e sexual.



information.: Sartrean categories for analysing the group movement and the identity theory were seen into the affective, valorative and operative areas.

Key-Words: Group process, identity, teenagers and young people.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

BERGER e LUCKMANN (2000) referindo-se a identidade do indivíduo situam-na dando-se num contexto de socialização primária e socialização secundária. Na socialização primária as aprendizagens são naturais, espontâneas e ocorrem constantemente no cotidiano através de relações mais próximas.

Na socialização secundária o indivíduo entra em contato com um contexto social mais amplo e assimila papéis. Ao assumir papéis a pessoa se insere na realidade da qual faz parte (BERGER E LUCKMANN, 2000).

CIAMPA (1986) ao narrar a trajetória de Severina na sua busca de identidade, mostra claramente os papéis que ela assume tais como: vingadora, revoltada, manicure, esposa, mãe, budista. A partir dos papéis que assume vai tecendo seu eu. "Hoje olho para trás e digo: será que fui eu que passei todas essas partes?...me sinto outra pessoa, como que renasci" (CIAMPA,1986, p.121). Severina "ao aprender a ser outra, como que sai de si, torna-se outra na realidade. O subjetivo torna-se objetivo, e a recíproca também" (CIAMPA,1986, p.145). O suceder-se de papéis e de personagens colocam o indivíduo numa dinamicidade criativa e recolocam-no sempre de novo nesta dinâmica do perfazer-se. "São como que modos de produção da identidade" (CIAMPA,1986, p 156). A mesmice neste contexto é intolerável, é morte, é anulação do vir a ser. Severino diz: "fui lavrador de, lavrador de terra má" (CIAMPA, 1986, p.26) e agora já não é mais pois se tornou um retirante fugindo da mesmice.

1. IDENTIDADE E ADOLESCÊNCIA



Os adolescentes e jovens com os quais partilhamos situações de comunicação e interação, inserido-nos em seu cotidiano, andando na rua, na praça, ouvindo “rap”, partilhando lanches, falando das brincadeiras da infância, dos pequenos furtos, dos sonhos e projetos, das revoltas e conflitos diante de um mundo em constante mudança, falando da vida com a família, do espaço escolar, contando histórias, festejando aniversários, a gravidez proibida, valores, idéias, tempo, realidade histórica e social, constroem continuamente seu EU.

O tempo entre o ser adolescente e o vir a ser adulto em que se vivencia o processo de socialização e formação da identidade, faz com que o adolescente passe por dois momentos muito significativos, pensados pelos autores supra citados como realidade objetiva e realidade subjetiva, sendo que os mesmos se dão num processo dialético em curso composto de três momentos: exteriorização, objetivação e interiorização. Estes últimos ocorrem simultaneamente na vida do indivíduo. Exterioriza seu próprio ser no mundo social e interioriza este último como realidade objetiva. Processa-se neste uma dinâmica de participação e interiorização que o levará a assumir o mundo dotado de sentido de forma coletiva, recriando-o, projetando, participando do ser do outro, tornando-se, deste modo, membro da sociedade. Isto tem seu início com a socialização primária. O indivíduo assimila por meio dos outros significativos a interiorização de seu mundo objetivo, interioriza papéis, atitudes e comportamentos tornando-os seus. Aos poucos, torna-se participante do ser do outro e passa a assumir o mundo dos outros e a de ter um lugar específico no mundo (BERGER E LUCKMAN, 2000).

Na socialização secundária, o indivíduo interioriza a realidade e condutas específicas em determinadas áreas institucionais, escolas, grupos, religião e cada uma com sua importância dentro desse processo. Portanto, os outros significativos se ampliam. A atuação da instituição da socialização primária se descentraliza das figuras centrais “pai” e “mãe” para a escola, médico, psicólogo, pedagogos e meios de comunicação. (GALLETTI, 2000).

Isso pode ser captado no dia a dia enquanto conversamos dando-nos espaço para falar da realidade que nos cerca, a realidade social marcada pelo desemprego, realidade esta que toca o chão, enquanto bebiam e fumavam, com suas calças largas e compridas



arrastando no chão, marcados por tatuagens coloridas, cabelos pintados de vermelho, diziam, fazendo sua leitura da realidade social, política e sua situação de "não tolerância" em ser meros atores nesta (Diário de Campo, 26/05/04)

Não tem lugar pra nós sabe... é difícil mesmo tá tudo saturado... Eles (falando dos governantes) se acham os certinho né, faz tudo como manda aí a moral né (Mateus, 18 anos 26/05/04).

Tem também os que manda neles, eles se acha livre mas não é não cara... lá os de camisa passadinha, eles se acham os certo, tudo prontinho, acabado.... não cola nada pra nós.... mas eu penso assim... um dia vou sair dessa... eu acho! (André, 27 anos, 26/0504).

O lema iluminista da igualdade social naturaliza, ainda hoje, a divisão das classes sociais. O nome destes é apenas mais um entre outros muitos. A prioridade é a economia capitalista, a especulação financeira, a concentração de riqueza. A experiência de comunicação é anulada pelo sistema. O vir a ser do adolescente, inserido neste contexto social, sob os efeitos da colonização, está sob a mira da imposição, mero ator. Porém, como o ser humano é alguém nunca pronto, acabado, sempre em construção, será capaz, neste mesmo contexto, de captar possibilidades de superação. Pode ousar transgredir limites injustos impostos, desobedecer às leis, gritar contra o sistema econômico que privilegia a poucos, ir além da postura de só esperar para ver, pode colocar-se num movimento contínuo de vir a ser, de constituição da identidade (ALVES, 2000).

Esta constituição da identidade na adolescência é assinalada fortemente pela referência que faz aos grupos, é uma característica desse período, um marco que possibilita a construção de novas identificações no confronto com o outro e o estabelecimento de vínculos. É no contexto grupal que o adolescente estabelece relações de igualdade e diferença que o definem como próprio sujeito portador de uma singularidade (GALLETTI, 2000).

2. Identidade: processo que não termina

Quem sou? Quem é você? CIAMPA (1984) provoca-nos a fazer estas perguntas para propor a questão referente à identidade. Onde você mora? De onde você veio? Qual é



seu trabalho? E seu nome? São perguntas feitas no cotidiano do homem e da mulher de todos os lugares, de todas as situações e surgem espontaneamente no contexto das relações humanas.

Se há um João que mora no prédio, e outro na casa, e outro ainda mora na rua, na favela, na praça, em Pernambuco ou no Paraná, homem, mulher, criança, jovem, adulto, ancião, nos seus diferentes grupos sociais, a pergunta “Quem é você?” sempre é feita novamente e traz a questão sobre a diferença e a igualdade, compreendidas pelo movimento do igualar-se e do diferenciar-se, dependendo dos grupos dos quais, ao longo da vida, vamos fazendo parte e, assim, cada sujeito contém uma infinidade de humanidade. Esta é uma primeira noção de identidade. O nome nos revela que identidade é diferença e igualdade, ela é a articulação da diferença e igualdade (CIAMPA,1986).

A resposta a estas perguntas sobre quem é você ou quem sou eu parecem simples e óbvias num primeiro momento, porém, se vemos a pessoa humana inserida num contexto histórico e cultural, num processo contínuo de transformação, estas perguntas retornam outra vez e são uma constante na vida de cada ser humano.

A construção do indivíduo está intimamente ligada com um ambiente, que não pode ser visto como "natural", mas como um ambiente construído pelo homem. Isto implica a reciprocidade do homem com o seu meio e a compreensão de que pertence ao ambiente social em construção (LANE, 1984).

Essa assimilação, esse amadurecimento para a cotidianidade, começam sempre por grupos (família, escola, comunidade). Esses grupos estabelecem uma mediação entre o indivíduo e os costumes, as normas e a ética. Nos grupos dos quais faz parte, a pessoa adquire elementos como o agir, o contar, o pensar, integrando-o num âmbito social maior, na sociedade em geral dando-lhe sentidos e valores. Assim, a cotidianidade adquire um valor histórico, verdadeira essência da substância social (HELLER, 2000).

Para CIAMPA (1984), esse cotidiano permite olhar as diversas situações da vida, a manifestação e a formação da identidade como sendo metamorfose, pressupondo que existe um processo permanente de formação do sujeito humano que se dá em condições históricas dadas.



A pessoa, ao ver-se inserida no cotidiano, descobre-se que é alguém que nunca está pronto, acabado, portanto sempre em projeto, em construção. O projeto de ser um EU nunca se realiza de fato e se dá num contexto de relações, de ser com os outros, impedindo a mesmice. Este estar com os outros, de pertencer a grupos diferentes impulsiona o indivíduo a buscar sempre de novo (CIAMPA, 1984).

3. O indivíduo inserido num processo grupal: a consciência do NÓS.

REBOREDO (1995), ao analisar o devir de um grupo, destaca que a ação coletiva não é algo que surge espontaneamente, mas é produto da organização dos indivíduos que se agrupam para discutirem interesses coletivos.

Para sua análise, recorre à teoria de Sartre sobre a gênese e processo dialético do grupo que estão num constante movimento com o objetivo, nunca acabado, de totalização. O indivíduo, nesta dinâmica grupal, é colocado numa lógica da ação que deverá ser sempre recomeçada, pois o grupo em si é uma totalidade nunca pronta, acabada, e sim uma totalização em processo.

Este processo grupal é visto a partir de diferentes momentos alcançados pela práxis humana, os quais ocorrem e se desenvolvem, chegando aos seguintes objetivos, somente se cada integrante e o grupo assumem e decidem alcançá-los.

O momento da serialidade representa um tipo de relação que nega a reciprocidade e o compromisso, e o outro nesta é coisificado, todos são iguais e não há espaço para o diferente. Cada um é apenas um número, quantidade, substituível. As pessoas vivem o isolamento, pois é como se nada tivesse em comum com os outros.

Para que ocorra a superação da serialidade e da alienação, institui-se a práxis do grupo, o que gera um movimento de unificação das liberdades e, com ela, a relação de reciprocidade. Nesta última, ocorre a interiorização do outro como sujeito, único, diferente, ele mesmo.

O primeiro momento após a superação da inércia da série é a fusão das serialidades de cada um dos integrantes. Neste momento da fusão surge um novo tipo de relação e acontece a tomada de consciência, (a partir de uma necessidade ou diante de uma ameaça, e



o desejo de transformação), e uma tarefa comum na qual cada um depende dos demais. Os indivíduos se dão conta de sua interdependência e sabem de que é necessário contar com o outro. Ocorre um vínculo humano em que cada um é o grupo e o grupo está em cada um como síntese (REBOREDO, 1995).

O grupo em fusão é o inverso da serialidade e tem por característica manter sua existência como luta constante contra a volta à série, à dispersão, à solidão e alienação. Para isso, propõe-se uma práxis, uma tarefa comum (REBOREDO, 1995).

Quando o grupo está constituído, sempre se defronta com o risco de se dispersar novamente e se instaura uma ansiedade e possível ameaça ou perigo, tornando-se necessário o juramento que se caracteriza como compromisso de permanecer no grupo. Dá-se a passagem de uma forma imediata do grupo com risco de dissolução a uma outra forma permanente mais reflexiva.

O estatuto de permanência no grupo faz surgir a organização do mesmo e se estabelecem os meios para lidar com as condições objetivas, atribuindo-se tarefas a partir do potencial dos membros e das condições materiais existentes. Instaura-se um espírito de equipe na qual a interdependência se faz pelo objetivo comum dos membros. A iniciativa individual e a criatividade tem seu espaço na função de cada indivíduo e, na medida em que age, age com todo os outros. Este movimento organizador estabelece uma relação entre os membros do grupo, tendo em vista a relação do grupo com a realidade. “O grupo não atua sobre o objeto transcendente mas pela mediação de seus membros. O agente individual não exerce sua ação sem o marco definido pela Organização” (REBOREDO, 1995, p.44).

Na organização, o grupo se trabalha, se organiza para poder lograr seus objetivos e esboça-se, a partir da sua organização a fraternidade-terror. As manifestações de fraternidade começam a surgir quando o grupo está em fase de organização. Sua origem encontra-se no juramento no momento em que começam a surgir os temores da dispersão do grupo pela desorganização (REBOREDO, 1995).

A fraternidade-terror possibilita o controle das possíveis fugas e da não-participação por meio de medidas mais duras que as dos momentos anteriores. Busca-se uma condição que deve evitar, de todas as formas, a dispersão, a serialidade. É uma estrutura fundamental no grupo, pois solidariza os membros entre si diante dos perigos exteriores. “O momento



da fraternidade-terror pode ser compreendido como o retorno do grupo ao projeto normativo das relações de seus membros, enfrentado anteriormente, no juramento” (REBOREDO, 1995, p.44).

O grupo se constitui pela sua práxis a partir da qual os membros se põem numa contínua luta pela unidade, organizando-se por meio das tarefas que impõem a cisão e a especialização. O grupo organizado torna-se instituição e, conseqüentemente, ressurge a serialidade e, com isso, as instituições perdem a novidade da ação dos grupos em fusão, instalando a rigidez das regras, das normas, do poder. As relações entre os membros se empobrecem pela imposição das formalidades e obrigações (REBOREDO, 1995).

No entanto, reconhece-se a necessidade da institucionalização para que o grupo reoriente sua práxis, seu problema está quando se instaura um poder definitivo impossibilitando o processo grupal criativo.

Para REBOREDO (1995) a ação coletiva é que possibilita aos indivíduos organizar uma sociedade na qual os valores fundamentais são a liberdade e a igual oportunidade de vida para todos. Enquanto interage, o indivíduo se revela e se descobre como outro, vive sua singularidade, se diferencia dos demais. O contexto intersubjetivo traz consigo o lugar social do indivíduo, a cultura, os conflitos, a ideologia, as histórias e as relações de poder. No contexto de grupo, o sujeito se vê como semelhante e, ao mesmo tempo, como singular, como diferente. Ao reconhecer o outro como humano, ele mesmo se reconhecerá como tal. A referência para pensar a ação, a situação individual e coletiva, as necessidades, passa a ser o grupo.

4. ANÁLISE DO MOVIMENTO GRUPAL E A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE

Serialidade

Situado num bairro da periferia de Rio Claro, Ajapí é um vilarejo com 5 mil habitantes e cuja origem se dá em 1835. A arquitetura das casas, os casarões dos antigos barões das fazendas, as marcas da escravidão nos terreiros de café continuam presentes. Este cenário mostra marcas da história passada que vem sendo substituída pelo novo que



se impõe pelas migrações de pessoas oriundas da cidade de São Paulo, Ribeirão Preto, Campinas, Jundiá e outros estados. Os moradores que habitam a vila há mais tempo, reclamam, pois vêm-se invadidos em seu espaço e sossego da cidade do interior.

As migrações se dão, na sua maioria, de retirantes que buscam lugar seguro fugindo da violência das grandes cidades. "Migram como forma de defender a vida, de encontrar a vida" (CIAMPA, 1986, p.27). Ao contrário de Severino (CIAMPA, 1986) que sai do sertão da serra e ossuda para ir à grande cidade e encontrar vida, estas famílias saem da grande cidade para fugir da morte, vêm para o interior, cidade pequena, como se morte ali não houvesse.

Isto é claro na fala de Marcelo que diz: "Saímos de São Paulo. Lá, eu vivia na rua, na droga. Aí minha família veio pra cá dizendo que ia ser melhor" (Diário de Campo, 16/10/04).

Ao se verem desinstalados em seu "sossego" de cidade interiorana, os habitantes buscam os responsáveis, dizendo que a tranquilidade não existe mais por causa do povo que "veio de fora".

Esse pessoal que veio de fora de outras cidades, eles tiram o lugar dos nossos filhos e netos. Antes de virem pra cá era bom, era bom mesmo. Não tinha esses problemas aí que se vê. A praça, pra você vê, era lugar sossegado, agora não é mais (Iolanda, moradora do bairro há 65 anos - Diário De Campo, 04/04).

De acordo com REBOREDO (1995), vivem a serialidade na qual a relação do Eu e Tu se impõe impedindo uma leitura da realidade num contexto maior, estão alienados. Para explicar a situação da serialidade recorre a Sartre.

Ao situar os indivíduos vivendo a Serialidade ou a relação do EU e TU, Sartre utiliza a metáfora de indivíduos numa fila de ônibus, na qual cada um representa um número numa seqüência crescente que os situa na fila. Na verdade, viver o isolamento da Serialidade significa ser reproduzido pelo "outro" como mercadoria, descaracterizado da condição do "ser humano". Esta relação permite sentir o "outro" como obstáculo para materializar o seu projeto particularizado pensado sob o prisma do culto ao individualismo. Este culto é reproduzido cotidianamente pela ideologia capitalista, hoje, com ênfase no liberalismo. A imagem da fila exemplifica as relações dos indivíduos na Serialidade e ilustra, com propriedade, que o Tu, via de regra, é obstáculo para a concretização do projeto do Eu, ou: o primeiro e segundo da fila retardam o terceiro a ser o primeiro (REBOREDO, 1995, p. 86).



Em relação às famílias que migram de outras cidades ou estados como São Paulo, Ribeirão Preto, Jundiaí, Campinas, Paraná, Minas Gerais, Tocantins, nos seus "carecimentos", comprometem-se e solidarizam-se. Organizam entre eles a distribuição de cestas básicas, moram numa mesma casa para dividir aluguéis, resistindo à serialidade.

Retornando à praça e olhando para o agrupamento que ali se movimenta, vê-se a inquietação pelo desejo de querer sair do estranhamento de si mesmo e de sua natureza como ser genérico. Estranhamento que se manifesta nas relações com os outros indivíduos e na relação com a própria humanidade (REBOREDO, 1995).

O desejo de "querer sair do estranhamento" se manifesta no que diz Everton:

O povo olha pra nós como se fosse estranho, bandido como o povo do morro do Rio, louco né...mas eles não sabem que nós trabalhamos, não roubamos não, pra comprar nossos tranco aí (Diário de Campo, 2/ 02 /04).

É verdade que nós fazemos bagunça, nós gritamos mesmo... e por que não gritar né? Quem não consegue dormir problema deles né, nós fazemos bagunça, e daí? Tem vez que nós gritamos e não sabe que está gritando (Diário de Campo, 2 / 02 /04).

Os habitantes do povoado, em sua posição tranqüila e sossegada, são levados a ler a história e a situação do vilarejo inseridos num contexto social e histórico maior. Dona Ana, 75 anos, nasceu aqui e, segundo ela, ocorreram muitas mudanças que passaram despercebidas.

Muita coisa mudou de uns anos para cá, não sei por que...eu acho que tudo mudou, todo mundo, não só aqui. A gente só não viu. Uma vez, as casas não tinham muro. A minha vizinha a Odete, nós nos falávamos olhando pela janela, agora não, tudo foi fechado, os dois lados tem muro alto. Adiantou? Me diga (Diário de Campo, .../12/04).

No povoado, todos se isolam, se protegem. O outro, o próximo, se tornou um estranho. Vivem a relação do Eu e Tu, o isolamento, a solidão, expressa o grau de massificação. O outro diferente é negado, não possibilita reciprocidade (REBOREDO, 1995).

Na praça, dentro da qual os adolescentes se encontram nas diversas horas do dia e da noite, grita-se a dor da indiferenciação e da negação da identidade. O nome, neste contexto onde prevalece a relação do EU e TU, não pode ser conhecido, é ameaça. Por



isso, quando lhes é perguntado: qual é seu nome? mentem e não dizem o verdadeiro nome para que ninguém os entregue à polícia. Tornam-se cúmplices um do outro e serializam-se para defender-se da comunidade que se afasta e tem medo destes. "Vivem na cumplicidade para materializar os carecimentos ou para constatar a impossibilidade de realizá-los" (REBOREDO, 1995, p. 93).

Surgem tentativas isoladas de inserir-se em outros grupos como é o caso de Jéssica. Ela vive na praça desde os 7 anos, a família veio para cá de Ribeirão Preto e, hoje, está com 15 anos. Freqüenta a escola da vila. Ela diz:

Eu me afastei da turma da praça por duas semanas, pois eu queria ingressar no grêmio da escola. A diretora disse que os alunos deveriam formar chapas para serem votadas, aí eu pensei: vou entrar também. Mas, quando fui falar com as meninas da minha classe que eu queria fazer parte, elas me disseram assim: você é da turma do fumo da praça, aqui você não entra, volta pra lá... eu voltei (Diário de Campo, 26/05/04).

Jéssica é caracterizada como sendo "da turma do fumo", sendo-lhe negada a tentativa de mudança, de uma nova identidade.

Outros perdem-se durante o processo afastando-se do grupo como é o caso do "Gota", cujo nome verdadeiro não foi revelado. Meses depois, Michel, Lucas, Everton, Guilherme informaram que o "Gota" morreu. A polícia encontrou seu corpo congelado perto do rio, em Corumbataí. O "Pequeno", depois que saiu da cadeia, também sumiu. Não temos mais notícias dele.

Olhando para este momento dentro do qual o grupo se encontra, pode-se perceber a movimentação dos sujeitos dentro dos campos afetivo, valorativo e operativo, dando-se em tentativas isoladas fazendo com que se percam na solidão, na serialidade. Estas tentativas impedem que venha fora a identidade pois, segundo CIAMPA (1986), a identidade supõe consciência, atividade e relação. É necessário passar de um ser sem mediações, isolado, para um ser de reciprocidade. "Uma identidade que não se realiza na relação com o próximo é fictícia, é abstrata, é falsa" (CIAMPA, 1986, p. 86).

4.1 A fusão da serialidade



A comunicação se torna espontânea e livre. São relatados fatos, acontecimentos, histórias, queixas, idéias, partilha de lanches proporcionando o movimento e surgimento da reciprocidade.

Dentre os muitos fatos grupais ocorridos, está a escuta e a discussão dos "rappers" e em torno da reflexão destes se manifesta o surgimento do NÓS. A partir da música, os adolescentes falam da realidade social que os cerca e passam a ver-se não mais como sujeitos neutros, mas como indivíduos que pensam sua situação e lugar. No "RAP" HEY BOY, dos racionais, música trazida por Josué, os manos e minas destacam e diferenciam a figura do BOY e a do Pobre a partir de situações vivenciadas por eles.

Nós somos aí os pobre, os tachados somos nós... Nós somos drogados (olha para os outros) né... mas não tá certo o cara assaltar aí (silêncio). Cara, tem uns "bico" aí pra fazer né. Depois o povo aí diz: é os mano da praça né! Nós fuma maconha sim, nós bebemos, cheira cola.....somos drogado, nós todos somos da praça né mano... não adianta! Não adianta dizer que não é... (olhou para os outros, ninguém se manifestou. Silêncio). Existe o Boyzinho, filhinho todo cuidado mas nós não. Nós somos discriminado, sentimo na pele como dói... (Diário de Campo, 12/06/04).

Sentem na pele de que é hora de compartilhar sua condição. Eliana, 17 anos, que veio do Paraná há 8 anos, propõe ao grupo para que todos conversássemos "com o pessoal que não senta com a gente para falar juntos" (Diário de Campo, 12/06/04) e dizer a eles que são portadores de uma singularidade (ALVES, 1997).

Para proporcionar o bate papo com os "de fora", combinaram encontrar-se na praça e trazer para tomar juntos um sorvete. Fez-se uma "vaquinha" para comprar sorvetes. Enquanto Cleiton, Josuel, Eliana dividiam e misturavam os sabores, foi colocado em debate o assunto sobre emprego, possibilidades de trabalhos na vila. Falaram das dificuldades de conseguir um trabalho e, quando o serviço acaba, são mandados embora. Cada um disse onde e o que faz atualmente. Seus nomes, agora, se põem e aparecem visualizando uma ação.

Guilherme está trabalhando, temporariamente, na costura de cortinas; Eliane, com sua mãe, também trabalham com costura, mas em casa limpando tirando fios das cortinas; André, de vez em quando, trabalha na colheita da laranja e carrega caminhões; Cleiton



estão desempregados; Tiago está desempregado e ajuda seu pai na confecção de caixas decorativas de madeira (artesanato); Eliana faz o serviço de casa, ajuda sua mãe e cuida dos irmãozinhos e sobrinhos; Michel não trabalha, só estuda, mas, de vez em quando, ajuda sua avó a vender sorvetes e salgados pela rua; Lucas só estuda e ajuda a mãe em casa; Gustavo cuida da irmãzinha e estuda; Everton, de vez em quando, cuida de uma granja; Denise ajuda a mãe cuidando dos irmãozinhos menores e limpa a casa de uma mulher na vila por uns trocados; Jéssica ajuda sua avó a cuidar da casa, dos irmãos e sobrinhos e estuda; Paulo disse que não faz nada, não trabalha e não estuda; Adriano não veio. Os outros - Marcelo, Carla, Poliana, Aléx, Jose, Gota, Pequeno, Paulo, Fernando, Flávia, Samara, Adriana - também não vieram hoje (Diário de Campo, 13/06/04).

"O NÓS somos drogados, nós somos da praça" indica o rompimento da inércia da Serialidade. Inicia-se a reflexão sobre a ação não mais do outro enquanto outro, mas do outro em relação com o NÓS. Assumem sua condição de "adictos", mas não querem permanecer nela. Para isso, movimentam-se no sentido de buscar alternativas na comunidade à qual pertencem.

Um jeito de dizer e manifestar isso se dá com o que é proposto ao grupo por Denise, 17 anos, que veio do Mato Grosso, morou um ano em São Paulo e agora está há 5 meses aqui. Ela diz para a turma de que vai recolher os nomes e a data de aniversário de cada um para festejar a vida, vida instalada em cada um, vida que ninguém mais segura. Festejam os aniversários dos manos e minas da praça de um jeito único, criado por eles, gritam, cantam, sobem nas árvores, rolam nas gramas, dividindo um bolo que a mãe de Denise preparou com a colaboração de outras mães (Diário de Campo, 25/07/04).

A comunicação na praça estava liberada. As famílias, que até então negavam a questão do álcool, da droga, aos poucos se aproximam e se propõem interagir. Disse Maria, mãe de Marcelo, referindo-se à vinda de São Paulo para cá: "Pensei que ia ser melhor... de um lado foi, mas meu filho... ele tá envolvido muito com problemas com polícia e... eu quero fazer alguma coisa diferente" Neste dia, Dona Maria comprava folhas de sulfite a pedido de Marcelo, pois começaria as aulas de grafite. (Diário de Campo, 13/11/04).



Os manos e minas da praça, no seu "devir progressivo-regressivo", provocam a comunidade a revisar suas relações serializadas e de inércia unindo-se ao grupo. Beti, irmã de Josué e André, diz:

Eu sempre briguei muito com meus irmãos e dizia que eles eram a vergonha daqui. Mas eu vi que não são só eles e daí resolvi mostrar a cara e fazer alguma coisa (Diário de Campo, 13/11/04).

Entre os adolescentes, surge a idéia de falar também com as outras mães para que venham participar também. As mães se organizam e fazem brigadeiros e salgados para vender e ajudam a pagar as oficinas. Dessa organização das mães, surge a 1ª feira de artesanato na vila. Esta surgiu tendo como objetivo primeiro ajudar a financiar as oficinas de hip e hop, mas depois se ampliou e se tornou ajuda financeira para as famílias. Organizaram-se em 17 famílias de artesãos.

Os momentos que exteriorizam o concreto do grupo vão sendo superados pela síntese das contradições que geram novas contradições e novas sínteses e evoluem para momentos posteriores, nos quais as relações entre os sujeitos vão se revestindo de valores comunitários. Também geram contradições que podem levar o coletivo à dispersão e à alienação da Serialidade. Neste sentido, o movimento grupal evolui sob a tensão de pólos contrários: a dispersão e a alienação, relação do EU e TU e o grupo organizado que é a convivência comunitária, a relação do NÓS (REBOREDO, 1995, p. 102).

Dentro da fusão da serialidade, surgem possibilidades sempre novas que processam a transformação e a concretização da identidade, uma vez que esta se dá nas relações sociais que se instauram. Vê-se, por exemplo, na situação da partilha do sorvete, a construção de relações que permeiam e fazem os sujeitos se movimentar no campo operativo. Os adolescentes e jovens encontram alternativas para que todos, mesmo os que não têm dinheiro, possam tomar sorvete. O Campo Valorativo leva o grupo a tornar-se lugar onde se estabelecem relações de solidariedade e de cooperação. Na descoberta de que a vida de cada um é importante propondo as festas de aniversário, mostra-se a movimentação dos sujeitos no Campo Afetivo.

4.3 Juramento



A mobilização e organização dos adolescentes e jovens da praça possibilitou-lhes a integração e aproximação com outros ambientes da vila: escola, igreja, posto de saúde, outros indivíduos que passavam pela praça, liberdade de transitar pelas ruas, entrar em casas de comércio, não fugiam mais da polícia, dizer os nomes. A integração e interação levou-os ao comprometimento de um pelo outro, mas sentem, ao mesmo tempo que estão postos diante de um novo desafio, evitar a dispersão. Percebem que há o risco da dispersão, da volta à série. Surge entre eles a necessidade de firmar um compromisso comum, de pertencimento ao grupo. "O esforço, agora, é traçar estratégias que evitem a dispersão" (REBOREDO, 1995, p.103). A liberdade de cada um teria que se tornar práxis comum para evitar o retorno à liberdade individual. (REBOREDO, 1995).

Firmou-se entre eles o compromisso de "não retorno à liberdade individual". Planejam juntos estratégias de ação e ninguém se exclui ou fica de fora. Por isso, decidem que todos juntos buscariam um espaço visitando as escolas da vila, igrejas, centro comunitário, posto de saúde para ver onde, no dizer de Guilherme, "firmar o pé e poder continuar". Ao mesmo tempo, conversavam com os sujeitos, manos e minas, que giravam na praça, na solidão, na dispersão, na serialidade, falando dos objetivos. Buscam sair da condição de mobilizados para a de organizados (REBOREDO, 1995).

No discurso, levam o compromisso firmado pelo movimento e cultura do hip hop e do ECA, por meio do qual aprenderam a pensar e reivindicar seus direitos sociais e propor ações. Estabeleceram outras normas de vivência grupal dentre as quais está que as meninas não devem engravidar. Esta norma havia sido estabelecida para todas as meninas que entrassem na praça para fazer parte do agrupamento. Adriana, 17 anos, há 11 anos na praça, disse que engravidou e teve que sair do grupo, retornando após o nascimento do filho. Na segunda gravidez, foi morar com Rodrigo. Este freqüentava a praça, mas nunca se integrou ao grupo (Diário de Campo, 8/05/04).

Denise engravidou e saiu do grupo. Fez-se depois "retirante" com sua família indo morar em Campinas. Não tivemos mais contato.

Durante o processo de fusão da serialidade, esta norma continuou e amadureceu a necessidade de buscar orientação sobre a sexualidade. Eliana, Michel, Poliana, Carla e Lucas foram conversar com Nádia, enfermeira do posto de saúde da vila para debater o



assunto com eles. Havia, na comunidade, um projeto de orientação para adolescentes sobre vários assuntos vinculando escola e posto de saúde. Carla, Eliana, Jéssica, adolescentes e jovens se integraram neste projeto, representando "o grupo da praça".

Diante da mobilização da busca de um lugar com parede para pintar e um chão para dançar, Josué propõe que o grupo "precisa ter pessoas que façam as coisas". Passam a atribuir tarefas a partir das potencialidades de cada um e escolhem entre eles um líder, cartazista, telefonador, digitador, preparador dos lanches e preparador dos aniversários. O material para elaborar cartazes, tintas, cópias, lanches é obtido por meio da colaboração entre eles. O bar ao lado da praça, "bar do Cido", fornece pedaços de papel. O material é cuidado por Brenda. Ela colocou tudo numa caixa de sapato encapada com papel colorido e sobre a qual escreveu: grupo da praça: hip hop (Diário de Campo, 20/02/05).

Ao se orientar pelos princípios do hip hop, a conduta exigida pelos adolescentes passou a ser de respeito um pelo outro, pelas pessoas que passavam na rua e na praça, levar a sério as oficinas, não "dar soco e não jogar pedras" nas janelas, ou seja, rejeitar qualquer atitude de violência, não queimar cartazes de propaganda, não fugir da polícia, ser da paz, integrar-se nas atividades da comunidade, ser apoio um do outro.

Postos diante da necessidade do juramento para não retornar à serialidade, os sujeitos movimentam-se dentro do Campo Operativo buscando um lugar "onde firmar o pé" e, para isso, planejam, pensam e todos se movimentam em busca de um lugar. No Campo Valorativo, movimentam-se a partir da descoberta de novos valores que merecem ser vividos, tais como: "temos direitos" e "todos devem se mobilizar, ir juntos". Assim, formulam novos projetos. Na comunidade, descobrem amigos com os quais podem contar movimentando-se em Campo Afetivo. Para CIAMPA (1986), a identidade humana se reconhece na relação com os outros e ela vai se definindo pela aprendizagem de novos valores, novas normas. Descobrem-se na diferença e igualdade, o que, para CIAMPA, é uma primeira noção de identidade.

4.4 Organização



Torna-se necessário buscar aliados e, ao mesmo tempo, reafirmar a consciência da tarefa comum: como grupo da praça orientar sua ação individual e coletiva por meio dos elementos e princípios do hip hop, reivindicar direitos e propor ações.

Decidem ir falar com o subprefeito (L.S.) que, até então, estava muito empenhado e preocupado em ter um posto policial definitivo instalado no povoado. Lucas sugeriu que "era bom levar pra ele o ECA" caso este não conhecesse o mesmo. O grupo achou a idéia muito boa, assim providenciaram uma cópia. Organizaram-se e escolheram quem iria falar com o subprefeito. Este os recebeu na rua, em frente ao correio. Contaram-lhe o que estão fazendo e a necessidade de um lugar indicando o Centro Comunitário como lugar ideal. Cleiton depois relatou:

Ele escutou mano, escutou mesmo. Falamos bem seguro com ele: o que nós queremos é um lugar pra fazer nossas oficina de hip hop. Aí ele disse que não tinha problema de usar lá o centro comunitário por que disse que todos podem ir lá, que é de todos... (Diário de Campo, 06/02/05).

Para REBOREDO (1995), a organização e a consolidação do grupo dentro da situação social em que estão inseridos leva-os a uma constante reorientação de sua práxis. Esta reorientação, definição, controle, correção da práxis num constante processo de rever e reorientar acontece por meio do grupo organizado em suas diferentes tarefas. Cada um assume sua "posição que lhe cabe assumir. Como sujeito Juramentado, vive a sua liberdade na práxis comum que o reafirma como individualidade".

Os adolescentes perceberam a importância de não parar neste momento. Eles estavam contentes de ter um lugar com parede para pintar e um chão para dançar, e ora precisam pensar e orientar o próximo passo. "*Agora nós temos um lugar e agora temos que arrumar as coisas pra dar certo, falar pra todo mundo que tem um lugar, ir na escola, colar cartazes*" (Polyana, Diário De Campo, 13/02/05).

É novamente na praça que se dá a orientação e continuidade do processo. Marcaram a data da continuidade das oficinas. Cada um assumiu a tarefa que lhe coube: cartazistas; faladores e porta-vozes do grupo; aos "telefonadores", cabia a função de contatar o pessoal do hip hop de Rio Claro e cada um deu alguns centavos para comprar cartão para telefonar; digitador para escrever convites e distribuir "pra todo mundo da vila



e pra todo mundo saber", pois era importante todos saberem; os preparadores do lanche se organizaram com as mães.

Sabiam das contradições que enfrentariam e o acesso às salas poderia ser negado, mas, mesmo assim, o grupo retornou para a escola e se "misturou" com os outros alunos entrando juntos. Procuraram pela diretora e foram recebidos por ela em frente à porta da secretaria. Explicaram o motivo da vinda e ela escutou o grupo. Depois, permitiu que fizessem a divulgação nas salas e delimitou um tempo de dois minutos por sala, estando acompanhados por ela. Nas salas, eles se apresentaram como "o grupo dos manos e minas da praça", esta é sua identidade. O que propõem: formar grupo de hip hop. Comunicaram o dia, o local e o horário das oficinas. O convite se estendeu à todos (Diário de Campo, 17/02/05).

Isto tudo soa como sendo uma grande convocação para participar do processo coletivo que humaniza os indivíduos podendo eliminar o isolamento do Eu e Tu na sociabilidade do Nós, e única possibilidade de encontrar saídas para a transformação da sociedade (REBOREDO, 1995). Ao mesmo tempo, evoca uma reflexão sobre o papel da escola que deverá sair de uma posição de neutralidade ideológica e assumir uma postura clara e corajosa em favor da emancipação e autonomia do ser humano para atingir a identidade do eu (ALVES, 1997).

A importância de poder dizer quem são e propor uma ação na escola fê-los gritar e correr pelas ruas dizendo: "Nós conseguimos, conseguimos, conseguimos falar pra eles".

Dia 20 de fevereiro de 2005, reiniciaram-se as oficinas de grafite e dança no Centro Comunitário. Samanta, Flávia e Gustavo propuseram ao grupo tomar juntos o café da manhã na praça e, depois, descerem juntos para o Centro Comunitário.

Durante o café, estavam todos sentados no chão e cada um colocou para ser partilhado o que trouxe. Havia pão com manteiga, biscoitos, leite, café. A irmã de Josué fez um bolo de fubá. Misturava-se ali uma alegria, mas também um certo medo e vontade de fugir. Disse Brenda: "Eu estou bem contente, mas eu estou com medo de ir lá no Centro Comunitário". Guilherme também disse que estava com medo, estava tremendo. Josué propõe ao grupo um "abraço bem manero" para se sentirem fortes (Diário de Campo, 20/02/05).



As mães haviam emprestado espelhos enormes para pôr na sala de dança. Os adolescentes, enquanto dançavam, disputavam o lugar, pois cada um queria ver-se. Organizaram-se revezando-se na posição para que todos pudessem se olhar.

Gustavo, desde o início, participou das atividades e organizou a sala com os outros. Durante a dança, pôs-se num movimento de sair correndo para a rua, olhava e depois voltava para a sala. Pertence a um grupo: manos da praça. Um grupo inserido na história, na sua realidade que determina o movimento.

A movimentação dos sujeitos nos Campos Afetivo, Valorativo e Operativo manifesta o surgimento da atividade, uma atividade organizada e com objetivo. Para CIAMPA (1986), identidade é atividade, é história.

4.5 Fraternidade Terror

Brenda e Gustavo, que ficaram responsáveis de buscar as chaves e abrir a porta, não apareceram no horário combinado, mas vieram mais tarde. Isto suscitou uma "briga" entre a turma e se dispersaram correndo pelo gramado. Quando Brenda e Gustavo chegaram, a turma se reuniu e discutiram sobre como cada um deve cumprir seu papel com responsabilidade. Exigiram que os dois dessem uma explicação pelo atraso. "Eu não me acordei, porque ontem fui dormir muito tarde", disse Brenda. Gustavo disse que teve problemas com o irmão e a mãe não quis deixá-lo sair, mas Brenda foi até sua casa e a mãe o deixou vir. Eliana arrancou uma folha de papel do caderno e cada um escreveu seu nome e dia no qual deverá abrir o Centro Comunitário construindo assim uma nova escala (Diário de Campo, .../03/05).

REBOREDO (1995) salienta de que não existe um grupo ideal, perfeito, por inserir-se num contexto histórico adverso e contraditório que traz consigo o perigo da dispersão. Para evitar este perigo, o grupo, a cada encontro, relembra de modo espontâneo as normas de convivência grupal disciplinando as relações e reorientando sua práxis de um jeito simples e significativo. Quando algo não se resolve de um jeito produtivo nas oficinas, a turma é convocada para ir à praça ou são resolvidas na hora mesmo.

A identidade, diz CIAMPA (1986), é constituída pelos grupos dos quais fazemos parte e, nesta, os sujeitos já não são mais substantivo, mas verbo. "Nós somos nossa ação,



nós nos fazemos pela prática" (CIAMPA, 1984, p. 64). Por detrás da exigência de "todos devem ser e estar em atividade", manifesta-se a descoberta de que a identidade é a manifestação do Eu diante do outro que me reconhece como ser humano e em constante construção, metamorfose.

4.6 A institucionalização

Passam a discutir, com os membros do hip hop de Rio Claro, outros elementos deste movimento para incrementá-los ao grupo. As oficinas de grafite, por meio das quais se expressam pintando e registrando fatos históricos, reivindicações, protestos, atitudes, continuariam. A dança break, por meio da qual se comunicam por movimentos quebrados do corpo, de braços e pernas, também continuaria.

Buscam agora integrar os outros elementos: Rap e capoeira. O importante, para Josué, é "ter objetivo e cada um fazer o que lhe cabe fazer com atitude" (Diário de Campo, 5/06/05).

Outro projeto que vem dando certo e que vem reafirmando o grupo é o retorno à escola. Instaurou-se entre eles uma "atitude coletiva" muito bonita nesta ação. Eliana, estudante do 2º ano do ensino médio, convocou a turma e elaboraram uma carta para enviar à diretora falando do desejo de alguns adolescentes e jovens da praça voltar a estudar. Os cartazistas criaram cartazes e espalharam pelo bairro, convidando outros que queiram voltar a estudar. Este projeto mostra que os indivíduos, no seu processo de institucionalização, "não parou o movimento que gerou o início do grupo" (REBOREDO, 1995).

A institucionalização coloca o grupo diante de novas formas de relacionamentos e estão postos diante do desafio de não empobrecer ou cristalizar as relações. Mesmo que a institucionalização crie o contraponto da estratificação, ela é necessária para que o grupo reoriente sua práxis (REBOREDO, 1995)

A praça, neste momento, favorece o distanciamento do instituído e evita a cristalização das relações. Nesta, se dá a comunicação entre os adolescentes, sabendo-se sujeitos que encontram no grupo o sentido de sua função individual (REBOREDO, 1995).



A movimentação dos sujeitos no grupo dentro dos Campos Afetivo, Valorativo e Operativo revela-se no compromisso firmado com o grupo no qual as relações e projetos são revistos e reorientados, dando atenção e colaborando com os desejos e necessidades individuais dos sujeitos. Ao mesmo tempo, criam alternativas para viabilizar o que querem.

Guilherme quer voltar a estudar. Hoje, trabalha na fábrica de costura e entrou nos ensaios da capoeira; Eliane e André casaram e moram numa fazenda e tem uma filha que se chama Ariadine; Eliana estuda e agora trabalha numa loja como vendedora e faz oficinas de dança; Denise será mãe e foi morar em Campinas com a família. Perdemos o contato com ela; Brenda estuda e ajuda nos serviços da casa e cuida dos irmãos menores, e dança no grupo; Jéssica foi morar com a família numa fazenda mas continua estudando; Adriana casou com Rodrigo e cuida dos dois filhos, Rodrigo trabalha na colheita da laranja; Josuel ainda não conseguiu trabalho, mas está firme levando avante o projeto de retorno à escola, organiza as oficinas da capoeira; Cleiton se afastou do grupo, não estuda e não trabalha, voltou à praça; Tiago sumiu; Flávia estuda, cuida dos irmãos e sobrinhos em casa e faz grafite e dança; Samanta estuda e ajuda nos serviços da casa, faz oficinas de dança, estuda e participa do grupo de pintura da comunidade e dança; Michel estuda e foi morar em Rio Claro, integrou-se num grupo de dança de rua e, de vez em quando, vem visitar o grupo da praça. Lucas continua estudando, ajuda sua mãe e deseja no futuro, quando será forte, vingar-se do pai que maltrata sua mãe. Entrou no grupo de teatro da comunidade e continua com grafite e dança. Paulo estuda, aparece de vez em quando para fazer grafite. Gustavo estuda e faz oficinas de grafite e ajuda a mãe a limpar roupas das fábricas de costura. Pequeno e o Gota perderam-se na serialidade; Robinho, um novo membro que veio trazer ao grupo aulas de capoeira; Joselaine estuda e ajuda o pai na colheita da laranja e dança. Aléx sumiu, não temos notícias. Everton faz capoeira, não estuda nem trabalha. Poliana foi morar no sítio com a família, mas continua a estudar e vem para as aulas de dança. Marcelo casou e voltou para São Paulo. "Identidade é sermos o Um e um Outro, para que cheguemos a ser Um, numa infindável transformação" (CIAMPA, 1984, p. 74).

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Os grupos aparecem aqui como um espaço essencial dentro do qual os indivíduos podem dizer seu nome, origem, e unir-se numa prática coletiva que transforma e possibilita sempre novas condições.

Na adolescência o grupo se torna o espaço da socialização através da dinâmica de participação e interiorização, onde o mesmo recria e projeta seu mundo e participa da sociedade pela sua ação e encontra possibilidades sempre novas para resignificar a identidade.

Na experiência com o agrupamento de adolescentes e jovens na praça, as possibilidades de socialização estavam presentes. Agiam de forma individual em alguns momentos e em outros coletivamente. Nos momentos em que estavam agrupados, o agir coletivo se dava ao gritar pelas ruas, subir em árvores e telhados, quebrar janelas, realizar pequenos furtos, participar de encontros nos bares, rolar na grama, ouvir música.

Fez-se necessário uma leitura que vinculasse os indivíduos a história, aos processos sociais e econômicos, relações sociais dentro da qual se encontravam. Nos seus relatos manifestavam experiências de relações hostis, frias, de indiferença, presentes dentre as pessoas da comunidade. Aprenderam, com suas famílias e na escola que o outro deve ser respeitado, no entanto, não é isto que vivenciam no seu espaço e começam a questionar valores interiorizados em seu processo de socialização e que não correspondem ao real que ora se revela de outro modo.

Aos poucos refletem de que é nesta mesma sociedade que deverão encontrar possibilidades de manifestar-se como sujeitos. A percepção que possuem da sociedade lhes vem da escuta dos rappers. No início do processo grupal estas músicas se tornaram motivo de "sentar-se juntos" só para ouvir e aos poucos vão se tornando conteúdo para reflexão e leitura da realidade na qual sabem-se inseridos, pensam a sua situação, apontam a desigualdade social, falam da violência a que estão sujeitos e começam a repensar sua própria ação.

Outro passo foi se dando na descoberta da importância de "estar juntos". Este se tornou um empreendimento necessário para atender as expectativas individuais e sociais. Com esta descoberta o grupo começou pensar modos diferentes de atuação na comunidade e a criar e buscar alternativas de ampliação das atividades. Passaram a fazer contato com



grupo de hip hop de Rio Claro. A identificação com este grupo nos seus vários elementos fê-los sentir-se grupo que compartilha os mesmos sentimentos, afetos, valores ao mesmo tempo lhes proporcionou um modo de operacionalizar a organização grupal. Nos elementos do “grafite” e da dança favoreceu-se a autonomia e a comunhão entre eles. Os outros elementos (DJ, outros estilos de dança, MC) foram integrados aos poucos.

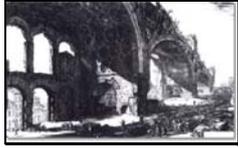
O sentimento de ser pessoa que pertence a este grupo passou a ampliar a rede de sociabilidade. Ampliam sua relação social (escolas, ruas, Centro Comunitário do Bairro, posto de saúde). Estava ali um grupo em processo de construção da identidade social.

As necessidades que surgiam durante o processo mostram o comprometimento e a movimentação dos elementos do grupo a partir de uma tarefa comum: juntos, reivindicam espaços de sociabilidade. Buscam um lugar para proteger-se do perigo da serialidade muito presente em todos os momentos. Esta busca de um lugar resultou numa mobilização grupal e o desafio de por-se diante do outro como seu igual e diferente, com seus objetivos e valores.

Mostrou-se que as condições para a formação da identidade se dão numa atividade constante articulando-se com as estruturas das relações do bairro. Isto fez com que cada adolescente assumisse dentro do grupo seu papel de dançarino, grafiteiro, líder, cartazista, da comunidade, o aluno, o filho, da "praça" e da "rua".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Cecília Pescatore. **Emancipação Frente à colonização e as políticas de Identidade na adolescência.** Tese de Doutorado, São Paulo, PUC, 1997.
- BERGER, L. Peter e LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade.** Petrópolis: Vozes, 1973.
- BECKER, Daniel. **O que é Adolescência.** 1ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- CÉSAR, Maria Rita. de A.ssis. **A invenção da "adolescência" no discurso psicopedagógico.** Dissertação de mestrado, Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 1998.
- CIAMPA, Antonio da Costa. **A história do Severino e a História da Severina.** São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. In: LANE, Silvia. **Psicologia Social: O homem em movimento**, 10ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 59-75
- GALLETTI, Francisca. C. Borges. Uma compreensão atual da identidade de adolescentes e o uso do álcool. In: **Interações**, v. 5, n. 9, p.97-109, jan/jun 2000.



Travessias número 01 revistatravessias@gmail.com

Pesquisas em educação, cultura, linguagem e arte.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

LANE, Sílvia T. M. O processo grupal. In: **Psicologia Social: O homem em movimento**. 10.ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 79-98

MAILHIOT, Gérald B.. **Dinâmica e Gênese dos grupos**. São Paulo: Duas cidades, 1998.

REBOREDO, Lucília Augusta. **De Eu e Tu a Nós**. 2.ed. Piracicaba: Ed. Unimep, 1995.